

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

O SENTIDO DA BELEZA FEMININA NO QUIXOTE DE CERVANTES

Bolsista: Ingrid Karina Morales Pinilla, CNPQ

MANAUS  
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL  
PIB- H-0052/2011  
O SENTIDO DA BELEZA FEMININA NO QUIXOTE DE CERVANTES

Bolsista: Ingrid Karina Morales Pinilla, CNPQ  
Orientador: Prof. Dr. Esteban Reyes Celedón

MANAUS  
2012

## O SENTIDO DA BELEZA FEMININA NO QUIXOTE DE CERVANTES

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa ó CNPq, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvida pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação e se caracteriza como sub projeto do projeto de pesquisa Bibliotecas Digitais.

---

INGRID KARINA MORALES PINILLA  
BOLSISTA

---

PROF. ESTEBAN REYES CELEDÓN, DR.  
ORIENTADOR

## RESUMO

Estudou-se através das figuras de Dulcinéia (a idealizada por Dom Quixote) e da Pastora Marcela, a teorização e reflexão da beleza feminina, para seguidamente desvendar a ligação entre o sentido dessa beleza e o sentido do divino na recriação da Idade de Ouro, dentro da obra barroca de Miguel de Cervantes Saavedra, Dom Quixote de La Mancha.

Foram analisados os trechos mais representativos sobre: a descrição da beleza e propósito da criação de Dulcinéia; a evocação da Idade de Ouro de Dom Quixote e a narrativa da história da pastora, considerando a relação dialógica desta história com o mito da Deusa Justiça, Astréia, do livro primeiro das Metamorfoses de Ovídio.

Tendo em conta as abordagens de Plotino sobre a beleza, de Américo Castro sobre a idealização de Dulcinéia, de Hermán Iventosh e Ruth El Saffar sobre a figura de Marcela, além de outros autores, verifica-se que não existe uma proposta estética na criação das personagens estudadas, sendo sua beleza uma convenção de imagens divinas, produto da fé e ecos de textos das mitologias grega e romana. Acredita-se que as personagens estudadas representam o desejo de Dom Quixote de redimir a Idade de Ferro e trazer de volta a Idade Dourada na qual habitava a justiça entre os homens.

**Palavras-chave:** Dom Quixote, Dulcinéia, Pastora Marcela, Idade de Ouro.

## RESUMEN

Se estudió a través de las figuras de Dulcinea (la idealizada por Don Quijote) y de la Pastora Marcela, la teorización y reflexión de la belleza femenina, para seguidamente desvendar la ligación entre el sentido de esa belleza y el sentido de lo Divino en la recreación de la Edad de Oro, dentro de la obra barroca de Miguel de Cervantes Saavedra, *Don Quijote de La Mancha*.

Fueron analizados los fragmentos más representativos sobre: la descripción de la belleza y propósito de la creación de Dulcinea; la evocación de la Edad de Oro hecha por Don Quijote y la narrativa de la historia de la pastora Marcela, considerando la relación dialógica de esta historia con el mito de la diosa Justicia, Astrea, del primer libro de las Metamorfosis de Ovidio.

Teniendo en cuenta los abordajes de Plotino sobre la belleza, de Américo Castro sobre la idealización de Dulcinea, de Hermán Iventosh y Ruth El Saffar sobre la figura de Marcela, además de otros autores, se verifica que no existe una propuesta estética en la creación de los personajes estudiados, siendo su belleza una convención de imágenes divinas, producto de la fe y ecos de textos de la mitología griega y romana. Se cree que los personajes estudiados representan el deseo de Don Quijote de redimir la Edad de Hierro y traer de vuelta la Edad Dorada en la cual vivía la justicia entre los hombres.

**Palabras clave:** Don Quijote, Dulcinea, Pastora Marcela, Edad de Oro.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	9
1.1. O mito no Quixote .....	10
1.2. A Criação de Dulcinéia .....	11
1.3. História da Pastora Marcela e Grisóstomo .....	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1. Conceito de beleza .....	14
2.2. Teorização sobre Dulcinéia .....	14
2.3. Teorização sobre a pastora Marcela.....	15
3. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA.....	16
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	17
4.1. A Dulcinéia idealizada por Dom Quixote.....	17
4.2. Descrição da beleza de Dulcinéia .....	17
4.3. Propósito da criação de Dulcinéia .....	18
4.4. Dom Quixote no episódio da Pastora Marcela.....	19
CONCLUSÕES .....	23
REFERÊNCIAS .....	24
CRONOGRAMA.....	26



*õQuando se sonha sozinho é apenas um sonho. Quando se sonha juntos é o começo da realidade.ö*

D. Quixote

## 1. INTRODUÇÃO

No início da predominância do Barroco na Espanha, finalizando o período da Renascença, Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616), surge com sua grande obra *Don Quijote de La Mancha*<sup>1</sup>, a qual marcaria a história da literatura espanhola. Sua grande criação é apontada, entre inúmeras tentativas de defini-la, como uma mistura dessas duas tendências literárias, com maior predominância do estilo barroco, cuja característica marcante é o contraste entre o idealismo e sua crítica racionalista. Por outro lado, Martínez Bonati (2004) a define como uma sátira de todas as formas literárias, quando afirma que se trata de um *õrealismo cômicoö*.

O livro é composto por 126 capítulos, divididos em duas partes: a primeira de 1605 com 52 capítulos e a outra de 1615 com 74 capítulos. Sua estrutura parece ser a de uma paródia dos livros de cavalarias, pois segue os esquemas desse gênero, apropriando-se do arranjo geral de ditos livros, de seus personagens, da concatenação de aventuras e de suas ilusões.

No primeiro volume se interceptam com a linha argumental, novelas curtas de diferentes tipos, estas são também chamadas de novelas intercaladas, tratando-se de relatos extemporâneos aparentemente alheios à trama da narração que exibem uma grande série de estilos das narrativas anteriores ao Quixote<sup>2</sup>: novela pastoril, novela sentimental, novela morisca, novela curta do tipo italiano, novela de aventuras, bem como recriação dos mitos gregos e romanos.

Embora alguns críticos tivessem censurado Cervantes por ter interpolado diversas narrativas ficcionais no Quixote (porque em suas opiniões elas não têm ligação com a história principal do cavaleiro), este trabalho dialoga com a ideia que os romances intercalados cumprem o propósito perspectivístico de iluminar desde distintos níveis o argumento maior. O Perspectivismo linguístico de Spitzer<sup>3</sup> potencializa essa hipótese realçando que a composição Cervantina, feita a partir de diversos e aparentemente incompatíveis enfoques, tem em conta uma polifonia linguística que

---

<sup>1</sup> No presente trabalho se indicará esta obra como Dom Quixote de La Mancha. Seguindo a nomenclatura da tradução mais conhecida em português, a dos irmãos Viscondes: Francisco Lopes de Azevedo, Conde de Azevedo; e, Antônio Feliciano de Castilho, Visconde de Castilho. Disponível em Internet: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br).

<sup>2</sup> Por convenção dos especialistas cervantistas, *õQuixoteö* refere-se ao livro, enquanto *õDom Quixoteö*, ao protagonista da história narrada na obra.

<sup>3</sup> Spitzer, Leo, *Linguística e historia literaria*, Gredos, Madrid, 1955, 2ª ed. 1974. Em especial o capítulo *õPerspectivismo Linguístico en el Quijoteö*, p. 135-187.

destaca cada episódio para responder a uma necessidade de significado geral. Seguindo este raciocínio, pode-se enunciar sobre um mesmo eixo de análise: a figura principal, Dulcinéia (a idealizada por Dom Quixote) e a belíssima Pastora Marcela (protagonista do episódio pastoril intercalado ó Cap. XI, XII, XIII e XIV, parte I).

Centralizando neste trabalho a Beleza do Feminino, explora-se esta ideia de coerência e relação (de semelhança) entre o Feminino, a Beleza e o Divino, focalizando o estudo em *Dulcinéia* e na *Pastora Marcela*, a partir da evocação feita por Dom Quixote do mito da Idade de Ouro (I, 11)<sup>4</sup>.

### 1.1. O mito no Quixote

Segundo Northrop Frye (2000, p. 22) os mitos nascem como um òpoder central inspiradorõ; dessa maneira, passam também a ocupar o universo verbal da literatura, existindo entre mito e literatura uma relação íntima, uma vez que o segundo é mais flexível do que o mito e preenche esse universo de modo mais completo:

Um poeta ou romancista pode trabalhar em áreas da vida humana aparentemente distante dos deuses vagos e dos resumos narrativos gigantescos da mitologia. Mas em todas as culturas, a mitologia se funde imperceptivelmente na e com a literatura. (FRYE, 2000, p.22).

Conforme Otávio Ianni (2000, p.21), ao passar o tempo mudam o leitor e a leitura, o espectador e a perspectiva, o texto e o contexto, mas são tantas e tais as recriações dos mitos, que eles transbordam das suas origens, seja como texto seja como contexto. Adquirem significados e conotações surpreendentes, como que se renovando de época em época, ou de geração em geração, segundo as configurações histórico-culturais em que se encontram os leitores e as leituras, as figuras e as figurações que povoam o imaginário dos que ouvem, olham, leem, observam. Assim, o mito vai, através das épocas, renovando-se e sendo revelado por aquilo que nele permanece de resposta.

Essa renovação do mito que Ianni (2000) aponta se pode perceber no Quixote. Nesta obra de Cervantes, o protagonista se encontrava inadequado ao mundo em que vivia, por isso, lutava contra moinhos de vento na tentativa de transformar a realidade resgatando os valores nobres da cavalaria e da Idade de Ouro. Dom Quixote quer fazer voltar o tempo, desfazer o mal, redimir o tempo, o mundo, a Idade de Ferro. Sente saudades da Idade Dourada. Espera trazê-la de volta no futuro.

---

<sup>4</sup> Adotou-se a maneira mais usual de citar o Quixote: entre parêntese, primeiro a parte em números romanos, depois, separado por vírgula, o número do capítulo.

Evidenciando seus desejos no seu discurso, o Cavaleiro diz:

Dichosa edad y siglos dichosos aquéllos a quien los antiguos pusieron nombre de dorados, y no porque en ellos el oro, que en esta nuestra edad de hierro tanto se estima se alcanzase en aquella venturosa sin fatiga algunaí [...]*Todo era paz entonces, todo amistad, todo concordia; aún no se había atrevido la pesada reja del corvo arado a abrir ni visitar las entrañas piadosas de nuestra primera madre, que ella, sin ser forzada, ofrecía, por todas las partes de su fértil y espacioso seno, lo que pudiese hartar, sustentar y deleitar a los hijos que entonces la poseían*<sup>5</sup>. (I, 11).

Esses desejos de redenção de Dom Quixote começam a manifestar-se desde o início da narrativa quando se converte em cavaleiro andante. Acontecendo em primeiro lugar sua mudança de nome, o qual indica uma conversão, uma vida nova, o início da redenção; para seguidamente procurar sua senhora.

### 1.2. A Criação de Dulcinéia

O protagonista, Dom Quixote tem cerca de cinquenta anos, é culto e inteligente, mas se entrega à leitura de novelas de cavalaria ãe assim, do pouco dormir e do muito ler se lhe secou o cérebro, de maneira que chegou a perder o juízoö<sup>6</sup> (I, 1). Acreditando que essas narrativas foram verdadeiras, decide tornar-se um cavaleiro andante, adotando o nome de *Dom Quixote de La Mancha*. Arma-se, então, com a armadura enferrujada de seu bisavô e busca uma dama a quem oferecer suas vitórias no campo de batalha, fato coerente com os livros de cavalaria:

Limpas, pues, sus armas, hecho del morrión celada, puesto nombre a su rocín y confirmándose a sí mismo, se dio a entender que no le faltaba otra cosa sino buscar una dama de quien enamorarse; porque el caballero andante sin amores era árbol sin hojas y sin fruto y cuerpo sin alma<sup>7</sup>. (I, 1).

Assim Dom Quixote decide dar nome e forma a sua senhora:

Y fue, a lo que se cree, que en un lugar cerca del suyo había una moza labradora de muy buen parecer, de quien él un tiempo anduvo enamorado, aunque, según se entiende, ella jamás lo supo, ni le dio cata dello. Llamábase Aldonza Lorenzo, y a ésta le pareció ser bien darle título de señora de sus pensamientos; y, buscándole nombre que no desdijese mucho del suyo, y que tirase y se encaminase al de princesa y gran señora, vino a llamarla *Dulcinea del Toboso*, porque era natural del Toboso; nombre, a su parecer, músico y peregrino y significativo, como todos los demás que a él y a sus cosas había puesto<sup>8</sup>. (I, 1).

<sup>5</sup> Ditosa idade e afortunados séculos aqueles, a que os antigos puseram o nome de dourados, não porque nesses tempos o ouro (que nesta idade de ferro tanto se estima!) se alcançasse sem fadiga alguma...

[...] Tudo então era paz, tudo amizade, tudo concórdia. Ainda não se tinha atrevido a pesada relha do curvo arado a abrir e visitar as entranhas piedosas da nossa primeira mãe, que ela, sem a obrigarem, oferecia por todas as partes do seu fértil e espaçoso seio o que pudesse fartar, sustentar, e deleitar, aos filhos que então a possuíam.

<sup>6</sup> Usou-se para todos os trechos estudados a tradução ao português realizada pelos irmãos Viscondes.

<sup>7</sup> Assim, limpas as suas armas, feita do morrião celada, posto o nome ao rocim, e confirmando-se a si próprio, julgou-se inteirado de que nada mais lhe faltava, senão buscar uma dama de quem se apaixonar; que andante cavaleiro sem amores era árvore sem folhas nem frutos, e corpo sem alma.

Depois de ter criado sua dama, Dom Quixote se lançou ao campo em busca de aventuras, dizendo ao vento, em quanto andava:

-¡Oh princesa Dulcinea, señora deste cautivo corazón!, mucho agravio me habedes fecho en despedirme y reprocharme con el riguroso afinamiento de mandarme no parecer ante la vuestra fermosura. Plégaos, señora, de membraros deste vuestro sujeto corazón, que tantas cuitas por vuestro amor padece. Con éstos iba ensartando otros disparates, todos al modo de los que sus libros le habían enseñado, imitando en cuanto podía su lenguaje. Con esto, caminaba tan despacio, y el sol entraba tan apriesa y con tanto ardor, que fuera bastante a derretirle los sesos, si algunos tuviera<sup>9</sup>. (I, 2).

### *1.3. História da Pastora Marcela e Grisóstomo*

A história de Marcela e Grisóstomo transcorre do capítulo XI ao XIV da primeira parte do Quixote. Encontram-se Dom Quixote e Sancho falando de temas de cavalaria depois de terem saído de uma perigosa aventura. Ao anoitecer, eles são acolhidos por alguns pastores, os quais com hospitalidade e cortesia espontânea, convidá-los para jantar, cura-lhe as feridas ao Cavaleiro andante, e presenteia-os com uma música rústica de amor. No meio do banquete, Dom Quixote profere o elogio da Idade de Ouro (I, 11). Neste momento, um pastor vindo da aldeia vizinha divulga que o rico Grisóstomo morreu por amor à pastora Marcela, e anuncia que seu funeral será no dia seguinte. Indagado por Dom Quixote, que se encontrava muito curioso, o pastor relata detalhadamente os acontecimentos e seus protagonistas (I, 12).

Ao amanhecer do dia seguinte, todos partem para o funeral. No caminho, Dom Quixote se envolve em conversa com Vivaldi, outro curioso que também vai para o local da cerimônia. Eles discutem sobre a cavalaria e o amor dos cavaleiros. O funeral tem lugar com muita pompa, presidido por Ambrósio, melhor amigo de Grisóstomo e executor fidedigno das disposições da vontade do morto. Quando Ambrósio está pronto para queimar os escritos de seu finado amigo, Vivaldi tenta impedi-lo pegando as folhas

---

<sup>8</sup> Foi o caso, conforme se crê, que, num lugar perto do seu, havia certa moça lavradora de muito bom parecer, de quem ele em tempos andara apaixonado, ainda que (segundo se entende) ela nunca o soube, nem de tal desconfiou. Chamava-se Aldonça Lourenço; a esta é que a ele pareceu bem dar o título de senhora dos seus pensamentos; e buscando-lhe nome que não desdissesse muito do que ela tinha, e ao mesmo tempo desse seus ares de princesa e grã-senhora, veio a chamá-la Dulcinéia del Toboso, por ser Toboso a aldeia da sua naturalidade; nome este (em seu entender) músico, peregrino, e significativo, como todos os mais que a si e às suas coisas já havia posto.

<sup>9</sup> -Ó Princesa Dulcinéia, senhora deste cativo coração, muito agravo me fizestes em despedir-me e vedarme com tão cruel rigor que aparecesse na vossa presença. Apraza-vos, senhora, lembrar-vos deste coração tão rendidamente vosso, que tantas mágoas padece por amor de vós.

E como estes ia tecendo outros disparates, todos pelo teor dos que havia aprendido nos seus livros, imitando, conforme podia, o próprio falar deles; e com isto caminhava tão vagaroso, e o sol caía tão rijo, que de todo lhe derreteria os miolos se alguns tivera.

da Canção Desesperada. Ambrósio concorda cortesmente em renunciar aos papéis que Vivaldi toma para si (I, 13).

A leitura da Canção Desesperada dá origem ao debate sobre a responsabilidade de Marcela no evento. No meio da discussão aparece a pastora, belíssima, no alto de um penhasco. Ambrósio a recrimina, ao que ela responde com uma discreta justificativa a razão de sua conduta, proclamando sua liberdade e direto a não amar as pessoas que a amam por ser bela. Lembra-os também de sua honestidade e recato provando, assim, sua inocência. Dom Quixote compreende as razões de Marcela e impede que seja seguida pelos participantes do enterro, os quais estavam deslumbrados e atraídos por sua beleza. Quando a cerimônia termina, todos se separam. No entanto, Dom Quixote sai em busca de Marcela, que desaparece entre as árvores. Ele vai atrás dela, mas nunca a encontra (I, 14).

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. Conceito de beleza

Para Plotino<sup>10</sup> (2000) a noção da beleza (kállos) está intrinsecamente relacionada aos três níveis da realidade por ele distintos: a Alma (psukhé), o Intelecto (noûs) e o Uno (hén). Não se restringindo às disciplinas artísticas ou a um campo de expressão que possa vir a constituir uma *Estética*, pois ela deve ser aprendida a partir de uma visão metafísica. Por essa razão, o estatuto da arte (tékhne) em Plotino tem um sentido essencialmente metafísico, valorizado de tal forma que consiste em um dos modos de reconhecimento da beleza. Já que a beleza transparece na arte porque ela provém da forma que está no intelecto do artista e não do seu fazer manual. O artista traz à visão a beleza, quando ele possui o conhecimento intelectual da forma, e não por sua habilidade manual.

### 2.2. Teorização sobre Dulcinéia

José Filgueira Valverde (1948) disserta que a afeição de Dom Quixote por Dulcinéia é um amor fonte de uma vida alta e nobre. Todas as ações de Dom Quixote ante Dulcinéia são manifestações do amor cavalheiresco. Dulcinéia é a personificação da Dama dos trovadores que inspira no seu cavaleiro os sentimentos mais fortes e contraditórios que um homem pode ter.

A interpretação literária de Ramón Menéndez Pidal (1957), diz que ela representa o ideal mais puro de amor, generosidade e cortesia do romance cavalheiresco.

Segundo Michael Atlee (1976), Dulcinéia é uma metáfora do conceito aristotélico de Deus que surgiu na Idade Média na forma de amor cortês. Conforme o autor, o próprio Aristóteles<sup>11</sup> explicou o poder ativo de Deus através de uma metáfora erótica: Deus movimenta o mundo como a amada ao amante. Dulcinéia seria deste modo o Deus ativo de Dom Quixote.

Para finalizar, Miguel de Unamuno (1987), vê Dulcinéia como a personificação da procura pelo espírito do Homem e da alma de Espanha. Dom Quixote se entrega sem

---

<sup>10</sup> Plotino (Egito, 205 - 270), Filósofo neoplatônico. Autor do livro *Enéadas*, o qual é um conjunto de seis obras contando com nove tratados cada uma. Texto original em grego disponível em: <<http://hiphi.ubbcluj.ro/...pdf>> Acesso em: 12 jun. 2012.

<sup>11</sup> Aristóteles, *Metafísica*, XII, 7:1072 a 26-27. Citado por Atlee (1976).

esperar que Dulcinéia se entregue, todas as suas conquistas são para depositá-las aos pés de sua dama. Para o autor, o *Quixote* é um livro divino e espiritual, sendo Dom Quixote o missionário da verdade que faz viver, daquela que faz pensar, não é um filósofo ou homem de palavra, é um mártir, um herói, um homem de ação. Mesmo quando não pode mais ser cavaleiro andante e decide ser pastor, continua Dulcinéia a ser sua amada.

### *2.3. Teorização sobre a pastora Marcela*

Passando agora á figura da belíssima pastora, é de grande relevância destacar que para Luis Rosales (1959-1960), Marcela é como o símbolo da liberdade absoluta.

Por outro lado, Pierre Ullman (1971) olha a narrativa de Grisóstomo e Marcela como uma história milagrosa, já que contém uma aparição na cena do crime ou do funeral, e um juramento solene de uma das testemunhas. Além disso, o mensageiro de tais narrativas costumava ser um simples rapaz, como acontece em Dom Quixote. Dessa forma, Marcela poderia ser interpretada como a encarnação de uma virgem, típica de uma história secularizada, adorada por um jovem animado de ideais pagãos, que morre prontamente ou comete suicídio.

Já Hermán Iventosh (1974) acredita que Marcela pertence ao arquétipo de Diana, a virgem caçadora que andava pelas colinas da Arcádia, livre das obrigações domésticas próprias das mulheres da época.

Por último, Ruth El Saffar (1984) vê em Marcela a presença da deusa Diana. Baseia-se nas teorias de Jung. Para ela, a Pastora incorpora um dois muitos ideais opostos que estão em jogo no início da longa luta de Cervantes para alcançar o feminino de verdade, e perceber às mulheres como são.



### 3. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Neste trabalho científico prepondera uma pesquisa bibliográfica, subjetiva, relacional e qualitativa dos preceitos examinados na obra *Dom Quixote de La Mancha* estabelecendo coerência com os autores mencionados na parte da Fundamentação Teórica.

Em função dos limites propostos no item anterior, foram realizadas as seguintes etapas:

- Seleção das passagens e conceitos mais representativos do problema proposto;
- Exposição detalhada das principais explicações dos trechos selecionados;
- Seleção dentre as várias explicações daquelas que conseguiram, com mais fecundidade e veracidade, dar conta da pesquisa, com base nos teóricos já referidos;
- Análise da relação entre Feminino, Beleza e Divino das figuras Dulcinéia e Marcela.
- Análise da relação entre a evocação da Idade de Ouro no Quixote e o mito escrito por Ovídio.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1. *A Dulcinéia idealizada por Dom Quixote*

Dulcinéia do Toboso existe como personagem da obra, no entanto, não possui corporeidade, ela não possui um corpo próprio que a defina; o nome Dulcinéia somente indica uma imagem no pensamento de alguns personagens, é por isso que cada um dos seus idealizadores atribui-lhe um corpo diferente, existindo diversas figuras para um mesmo nome: a idealizada por Dom Quixote; a aldeã Aldonza Lorenzo enunciada pelo narrador (I,1); a sonhada pelo Cavaleiro na cova de Montecinos (II, 22); a lavradeira montada numa burrica, criação burlesca de Sancho (II, 10); e a que tinha corpo de pajem, invenção da Duquesa (II, 35).

Sobre esta diversidade de figuras ideais, só se considerou como objeto de estudo a idealização de Dom Quixote, aquela de qualidades sobre-humanas, que nunca foi vista por ninguém, nem mesmo pelo Cavaleiro. A Dulcinéia que é uma invenção de terceira ordem, já que seu inventor Dom Quixote (invenção de segunda ordem) foi criado pelo Fidalgo Alonso Quijano (invenção direta do autor, de primeira ordem).

### 4.2. *Descrição da beleza de Dulcinéia*

No episódio da pastora Marcela, antes do enterro de Grisóstomo, Vivaldi pede a Dom Quixote dizer o nome, pátria, qualidade, e formosura da sua dama. Respondendo o Cavaleiro diz:

Sólo sé decir, respondiendó a lo que con tanto comedimiento se me pide, que su nombre es Dulcinea; su patria, el Toboso, un lugar de la Mancha; su calidad, por lo menos, ha de ser de princesa, pues es reina y señora mía; su hermosura, sobrehumana, pues en ella se vienen a hacer verdaderos todos los imposibles y quiméricos atributos de belleza que los poetas dan a sus damas: que sus cabellos son oro, su frente campos elíseos, sus cejas arcos del cielo, sus ojos soles, sus mejillas rosas, sus labios corales, perlas sus dientes, alabastro su cuello, mármol su pecho, marfil sus manos, su blancura nieve, y las partes que a la vista humana encubrió la honestidad son tales, según yo pienso y entiendo, que sólo la discreta consideración puede encarecerlas, y no compararlas<sup>12</sup>. (I, 13).

---

<sup>12</sup> Só posso dizer, em resposta ao que tão respeitosamente se me pede, que o seu nome é Dulcinéia, sua pátria Toboso, um lugar da Mancha; a sua qualidade há-de ser, pelo menos, Princesa, pois é Rainha e senhora minha; sua formosura sobre-humana, pois nela se realizam todos os impossíveis e quiméricos atributos de formosura, que os poetas dão às suas damas; seus cabelos são ouro; a sua testa campos

O reconhecimento da beleza de Dulcinéia para Dom Quixote é de forma sobre-humana, sendo possível nos õimpossíveis e quiméricos atributos dos poetasõ, ou seja, é possível na visão dos impossíveis de outros. Contrario à visão de Plotino quem indica que a beleza provém da forma que está no intelecto do artista. Portanto, não há conceituação metafísica da beleza em Dom Quixote.

#### 4.3. *Propósito da criação de Dulcinéia*

Na segunda parte da obra, Dom Quixote reconhece que seu objetivo é fazer o bem a todos, mas para isso é forçado a ter uma dama:

Yo soy enamorado, no más de porque es forzoso que los caballeros andantes lo sean; y, siéndolo, no soy de los enamorados viciosos, sino de los platónicos continentes. Mis intenciones siempre las enderezo a buenos fines, que son de hacer bien a todos y mal a ninguno.<sup>13</sup> (II, 32).

No trecho acima, Dom Quixote evidencia que não está interessado em ter de fato, uma relação amorosa, que criou a Dulcinéia por necessidade. Para Martínez Bonati (2004) a invenção de Dulcinéia é a opção de Dom Quixote para proteger-se da aventura que mais teme: a aventura erótica, pois a vitória não depende da coragem. Além disso, esta dama idealizada não tem beleza, a beleza está nos objetivos do Cavaleiro, o que se pode explicar na filosofia Platônica, que ensina que a beleza dos corpos é o início da ascensão às ideias e o verdadeiro fim é o Bem<sup>14</sup>. Como Dulcinéia não tem corpo ela não é início nem fim, ela é só um instrumento para um fim.

Dulcinéia é figuração do amor de Deus da Idade de Ouro, porque nela se resume a ideia de tudo o que há de proveitoso, honesto e deleitável no mundo. Dom Quixote a ama e crê nela sem nunca tê-la visto, ele tem fé nela, sendo essa fé visível durante toda a narrativa. Um exemplo é o momento no qual o Cavaleiro encontra um grupo na estrada e exige que seus membros confessem que não há no mundo donzela mais bela que Dulcinéia. Quando seus interlocutores dizem que não a conhecem e pedem que a mostre, se lê: õSe a mostrasse, replicou Dom Quixote, que vos valeria confessar uma

---

elísios; suas sobranceiras arcos celestes; seus olhos sóis; suas faces rosas; seus lábios corais; pérolas os seus dentes; alabastro o seu colo; mármore o seu peito; marfim as suas mãos; sua brancura neve; e as partes que à vista humana traz encobertas a honestidade são tais (segundo eu conjecturo) que só a discreta consideração pode encarecê-las, sem poder compará-las.

<sup>13</sup> Sou enamorado, só porque é forçoso que o sejam os cavaleiros andantes, e, sendo-o, não pertencõ ao número dos viciosos, mas sim ao dos platônicos e continentes. As minhas intenções sempre as dirijo para bons fins, que são fazer bem a todos e mal a ninguém.

<sup>14</sup> Platão, O Banquete. Cf. Reyes Celedón, õDo Eros nos ensinamentos de Diotima de Mantinéiaõ.

verdade tão notória? A importância está em que, sem vê-la, o haveis de crer, confessar, afirmar, jurar e defenderö (I, 4).

O amor de Dom Quixote é, pois, o amor da alma, que vê a virtude e o bem. É o amor gratuito, que nada espera e somente se dá. Para Sancho Panza o amor do Cavaleiro por sua dama, é como o amor de Deus: òCom esta modalidade de amor, disse Sancho, ouvi dizer que se há de amar nosso Senhor por si mesmo, sem que nos estimule esperança de glória ou temor de penaö (I, 31). O próprio Dom Quixote equipara os dois amores, ressaltando que ele õhá de ser fiel a Deus e a sua damaö (II, 48).

#### 4.4. *Dom Quixote no episódio da Pastora Marcela*

Quando Dom Quixote entra no mundo pastoril (I, 11), no momento que o Cavaleiro evoca a Idade de Ouro<sup>15</sup>, observa-se que as emotivas reminiscências de Dom Quixote têm pontos de contato com a narrativa sobre a Idade de Ouro e a de Ferro do primeiro livro da obra *Metamorfoses*, escrita por Ovídio<sup>16</sup>. A continuação se apresenta uma pequena mostra da narrativa dos dois e suas semelhanças sobre a Idade de Ouro:

Ainda não se tinha metido em cabeça a juiz o julgar por arbítrio, porque ainda não havia nem julgadores, nem pessoas para serem julgadas... (Quixote I, 11).

Primava, a idade de ouro, sem defensor nem lei, cultivava o direito e a fé espontaneamente. Faltos de pena e medo, em bronze não se liam ameaças, nem, súplice, a turba temia juiz, mas, sem defensor, sentiam-se seguros... (*Metamorfoses* I, 90-95)<sup>17</sup>

---

A ninguém era necessário, para alcançar o seu ordinário sustento, mais trabalho que levantar a mão e apanhá-lo das robustas azinheiras, que liberalmente estavam oferecendo o seu doce e sazonado fruto... (Quixote I, 11).

---

<sup>15</sup> òDitosa idade e afortunados séculos aqueles, a que os antigos puseram o nome de douradosö (I, 11).

<sup>16</sup> OVIDIO. *Metamorfosis*. Tradução ao português de Raimundo Nonato Barbosa. Disponível em: <<http://www.usp.br>> Acesso em: 12 dez. 2011. Também utilizada a tradução ao espanhol (vide referências).

<sup>17</sup> Adotou-se a maneira mais usual de citar a obra *Metamorfoses*: entre parêntese, primeiro a parte em números romanos, depois, separado por vírgula, o número da linha.

A terra mesma tudo dava, sem impostos [...] contentes com os frutos dados sem esforço, colhiam o medronho e morangos silvestres, as cerejas e amoras nas moitas de espinho e as landes que caíam da árvore de Júpiter... (Metamorfoses I, 100-05)

Ainda não se tinha atrevido a pesada relha do curvo arado a abrir e visitar as entranhas piedosas da nossa primeira mãe... (Quixote I, 11).

Intacta de rastelo ou arados quaisquer... (Metamorfoses I, 100)

Depois de Dom Quixote lembrar aos presentes aqueles tempos de ouro e a necessidade dos cavaleiros andantes na sua atual Idade de Ferro, o narrador querendo tirar valor aparentemente dessa introdução à história de Marcela, diz:

Toda esta larga arenga -que se pudiera muy bien escusar- dijo nuestro caballero porque las bellotas que le dieron le trujeron a la memoria la edad dorada y antojósele hacer aquel inútil razonamiento a los cabreros, que, sin respondelle palabra, embobados y suspensos, le estuvieron escuchando<sup>18</sup> (I, 11).

Além do sentido da longa exaltação da Idade de Ouro feita por Dom Quixote é muito relevante ressaltar que em seu discurso sobre aqueles séculos ditosos, os dourados, Dom Quixote lembra entre outros detalhes, a presença da Justiça:

La justicia se estaba en sus propios términos, sin que la osasen turbar ni ofender los del favor y los del interese, que tanto ahora la menoscaban, turban y persiguení<sup>19</sup> (I, 11)

É interessante perceber que finalizando seu discurso da Idade de Ouro Dom Quixote menciona a Justiça de forma personificada. Por outro lado, no poema das Metamorfoses, Ovídio ao finalizar sua narrativa da Idade de Ouro, enuncia à Deusa da Justiça: ãJaz vencida a virtude, e a virginal Astréia, por fim, deixou a terraö (I, 149-150).

Dom Quixote expressa varias vezes na narrativa seu conhecimento e gosto pelos autores gregos criadores dos mitos mais representativos de ocidente, por exemplo, quando falando com Sancho, o Cavaleiro diz:

Otro libro tengo también, a quien he de llamar Metamorfóseos, o Ovidio español, de invención nueva y rara; porque en él, imitando a Ovidio a lo burlesco, pinto quién fue la Giralda de Sevilla y el Ángel de la Madalena. [...] y esto, con sus alegorías, metáforas y translaciones, de modo que alegran,

<sup>18</sup> Toda esta larga arenga (que se pudera muito bem dispensar) improvisou-a o nosso cavaleiro, em razão de lhe ter vindo à lembrança, a propósito das bellotas que lhe deram, a idade de ouro; por isso lhe pareceu fazer todo aquele inútil arazoado aos cabreiros, que, sem lhe responderem palavra, apatetados e suspensos, o estiveram escutando...

<sup>19</sup> A justiça continha-se nos seus limites próprios, sem que ousassem turbá-la nem ofendê-la o favor e interesse, que tanto hoje a enxovalham, perturbam e perseguem...

suspenden y enseñan a un mismo punto. Otro libro tengo, que le llamo Suplemento a Virgilio Polidoro, que trata de la invención de las cosas, que es de grande erudición y estudio, a causa que las cosas que se dejó de decir Polidoro de gran sustancia, las averiguo yo, y las declaro por gentil estilo. Olvidósele a Virgilio de declararnos quién fue el primero que tuvo catarro en el mundo, y el primero que tomó las unciones para curarse del morbo gálico, y yo lo declaro al pie de la letra, y lo autorizo con más de veinte y cinco autores: porque vea vuesa merced si he trabajado bien y si ha de ser útil el tal libro a todo el mundo<sup>20</sup> (II, 22).

Contudo, tendo em conta que Dom Quixote conhecia as obras de Ovídio, Virgílio e outros escritores das mitologias grega e romana que mencionaram a existência da deusa Astréia (Deusa da Justiça), e tendo como guia os traços da mitologia que Cervantes deixa em sua narrativa, acredita-se que a lembrança da Deusa Justiça tenha contribuído na criação da figura de Marcela e que a evocação da idade dourada é a introdução para apresentar a recriação cervantina da Deusa.

Astréia<sup>21</sup>, Deusa da Justiça, segundo as mitologias grega e romana, foi a última divindade que abandonou a Terra no final da idade dourada, devido a maldade e injustiça dos homens, convertendo-se na constelação de virgem.

São variados os elementos do episódio da pastora Marcela que a recriam na imagem de Astréia e a afastam do universo pastoril. Por exemplo, quando Marcela, o ideal feminino modelado, chega ao enterro e desde o topo de uma pedra que serve de palco, incorporando a justiça, se defende, deslumbrando a todos (cabreiros, pastores e cavaleiros) com sua beleza. Seguidamente, de forma clara e coerente, Marcela explica o erro dos argumentos dos que insistem que ela, em razão de ser amada por ser bela, seja obrigada a amar, lembrando-os que não escolheu a beleza que tem, e que sendo a honestidade uma das virtudes que ao corpo e alma mais adornam e aformoseiam, ela não há de perdê-la para corresponder à intenção de quem, só por gosto, aspira a que a perca.

---

<sup>20</sup> Tenho outro livro também, que hei-de chamar Metamorfoses, ou Ovídio espanhol, de invenção nova e rara, porque nele, parodiando Ovídio, pinto quem foram a Giralda de Sevilha e o anjo da Madalena [...] isto com as suas alegorias, metáforas e translações, de modo que alegam, suspendem e ensinam ao mesmo tempo. Tenho outro livro, que chamo Suplemento a Virgílio Polidoro, que trata da invenção das coisas e que é de grande erudição e estudo, porque as que deixou de dizer Polidoro, averiguo-as eu e declaro-as em gracioso estilo. Esqueceu-se Virgílio de nos dizer quem foi a primeira pessoa que teve catarro no mundo; declaro-o eu ao pé da letra, e fundamento-o com mais de vinte e cinco autores; veja Vossa Mercê se trabalhei ou não trabalhei para ser útil a toda a gente (II, 22).

<sup>21</sup> Astréia é filha de Zeus e Temis. Tanto ela quanto sua mãe são personificações da justiça. Ela pregava a sabedoria e ensinava aos homens atividades caseiras, como caçar, plantar, entre outras. Logo após a Idade de Ouro, abandonou a Terra para não ver o sofrimento pelo qual passaria a humanidade nas próximas idades, partindo para o céu, na forma da constelação de Virgem. A balança que ela carregava se tornou a constelação próxima de Libra.

Defendendo seu livre arbitrio, Marcela diz:

Yo nací libre, y para poder vivir libre escogí la soledad de los campos, [...] El cielo hasta ahora no ha querido que yo ame por destino,, y el pensar que tengo de amar por elección es escusado. [...] Si yo conservo mi limpieza con la compañía de los árboles, ¿por qué ha de querer que la pierda el que quiere que la tenga con los hombres? Yo, como sabéis, tengo riquezas propias y no codicio las ajenas; tengo libre condición y no gusto de sujetarme: ni quiero ni aborrezco a nadie. No engaño a éste ni solicito aquél, ni burlo con uno ni me entretengo con el otro. La conversación honesta de las zagalas destas aldeas y el cuidado de mis cabras me entretiene. Tienen mis deseos por término estas montañas, y si de aquí salen, es a contemplar la hermosura del cielo, pasos con que camina el alma a su morada primera<sup>22</sup> (I, 14).

Depois de finalizar seu discurso, Marcela voltando as costas às testemunhas, não sobe aos céus (como Astréia), mas se afasta de todos, entrando pelo mais fechado de um monte õdeixando a todos admirados, tanto da sua discricão, como da sua belezaõ . Dom Quixote com convencimento dos argumentos da pastora, diz:

Ninguna persona, de cualquier estado y condición que sea, se atreva a seguir a la hermosa Marcela, so pena de caer en la furiosa indignación mía. Ella ha mostrado con claras y suficientes razones la poca o ninguna culpa que ha tenido en la muerte de Grisóstomo, y cuán ajena vive de condescender con los deseos de ninguno de sus amantes, a cuya causa es justo que, en lugar de ser seguida y perseguida, sea honrada y estimada de todos los buenos del mundo, pues muestra que en él ella es sola la que con tan honesta intención vive<sup>23</sup> (I, 14).

A proibição de Dom Quixote foi õnão persigam à justiçaõ, porém, essa ordem era destinada somente para os outros, já que, quando todos se foram, o Cavaleiro e Sancho Panza entraram no mesmo bosque onde Marcela desapareceu. Embora a procurassem por várias horas, não a acharam. Eles buscaram a Pastora que incorpora o mito de Astréia, mas não a encontraram, do mesmo modo que Dom Quixote procurou justiça em suas aventuras e não a achou em toda a obra.

---

<sup>22</sup> Eu nasci livre, e para poder viver livre escolhi a solidão dos campos, [...] O céu por ora não tem querido que eu ame por destino, e o pensar que hei de amar por eleição é desculpado, [...] Se eu conservo a minha pureza na companhia das árvores, por que hão de querer que eu a perca na companhia dos homens? Tenho riquezas próprias, como sabeis, e não cobiço as alheias; tenho livre condição, e não gosto de sujeitar-me; não quero nem tenho ódio a pessoa alguma; não engano a este, nem solicito àquele; não me divirto com um, nem com outro me entretenho. A conversação honesta das zagalas destas aldeias, e o trato das minhas cabras, me entretêm; os meus desejos têm por limites estas montanhas; e, se para fora se estendem, é para contemplarem a formosura do céu. São estes os passos contados, por onde a alma caminha para a sua morada primeira...

<sup>23</sup> Nenhuma pessoa, de qualquer estado e condição que seja, se atreva a seguir a gentil Marcela, sob pena de cair na fúria da minha indignação. Já ela mostrou, com razões claras, a pouca ou nenhuma culpa que teve na morte de Crisóstomo, e quão alheia vive de condescender com os desejos de nenhum dos seus arrojados: e por isso é justo que, em vez de ser seguida e perseguida, seja honrada e estimada de todos os bons do mundo, pois mostra que em todo ele é só ela quem vive com tenção tão honesta...

## CONCLUSÕES

Após a análise das figuras de Dulcinéia (a idealizada pelo Cavaleiro) e a Pastora Marcela da obra Dom Quixote de La Mancha, conclui-se que: existe uma relação de similaridade entre as figuras de Dulcinéia e Marcela, já que estas personagens são de natureza divina e sobrenatural.

Não existindo teorização nem reflexão sobre a beleza feminina representada nas figuras estudadas na obra, sendo que as duas personagens, são representações divinas (ecos das mitologias grega e romana) que tem beleza por convenção. Primeiramente, Dulcinéia pode ser vista como o símbolo da Caridade para Dom Quixote, já que é ela quem o guia nas suas ações que sempre buscam ajudar ao próximo. Dulcinéia é o Amor de Deus. Não é uma pessoa específica, mas uma regra de proceder.

Enquanto ideal de unidade, harmonia e beleza é uma figuração da Idade de Ouro, enquanto figuração indica o caminho do Cavaleiro. Assim, Dom Quixote, vive ainda, na espera da Idade de Ouro, pois, vive na fé, na esperança e na caridade. Dulcineia é também símbolo de beleza (sem ter beleza descritível), de bondade e de graça, porque é referência de toda senhora de cavaleiro andante. Ela é uma referência nascida inicialmente da necessidade de Dom Quixote se transformar em um cavaleiro para posteriormente ela ser um produto de fé.

Por outro lado, a figura de Marcela não é semelhante às personagens femininas das novelas pastoris, pois, ela transgride o poder masculino do discurso pastoril. A pastora tem voz, o que lhe dá poder, o poder da transgressão, e este não é próprio de uma mulher do romance pastoril. Marcela destrói o idealizado mundo dos pastores visto que ela não é uma personagem deste gênero. Ela incorpora a Justiça, vista como imagem de virtude suprema, que transcende à capacidade humana, por isso ela não pode viver mais ao lado dos homens, igualando-se a deusa Astréia.



## REFERÊNCIAS

ATLEE, Michael. "Concepto y Ser Metafórico de Dulcinea" In: Anales Cervantinos. XV, Madrid: C.S.I.C. 1976. Disponível em: <<http://www.artchive.com/quixote.html>> Acesso em: 18 jun. 2012.

CASALDUERO, Joaquín. Sentido y forma del "Quijote". 4ª ed. Madrid: Insula, 1975.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. Don Quijote de la Mancha. Edición e notas de Francisco Rico (edición del IV centenario). Madrid: Santillana Ediciones Generales / Real Academia Española, 2004.

\_\_\_\_\_. Obras Completas. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Disponível em: <[www.cervantesvirtual.com](http://www.cervantesvirtual.com)> Acesso em: 5 dez. 2011.

\_\_\_\_\_. Dom Quixote de La Mancha. Tradução ao português dos Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 2002. Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)> Acesso em: 30 out. 2011.

EL SAFFAR, Ruth S. Beyond fiction. The Recovery of the Feminine in the Novels of Cervantes. University of California Press, Berkeley, 1984. In: BERNDT, Erna. "En torno a la maravillosa visión de la pastora Marcela y otra ficción poética". Actas del IX Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas. Tomo 1. Berlin: Ibero-Amerikanisches Institut Preussischer Kulturbesitz, 1986. Disponível em: <[http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/09/aih\\_09\\_1\\_034.pdf](http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/09/aih_09_1_034.pdf)> Acesso em: 12 dez. 2011.

FILGUEIRA, Valverde. "Don Quijote y el Amor Trovadoresco" in Revista de Filología Española, 32, 1948.

FRYE, Northrop. Fábulas de identidade: estudos de mitologia poética. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

IANNI, Otávio. Tipos e mitos da modernidade. III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural, 2000. Disponível em: <[www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/2475.doc](http://www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/2475.doc)> Acesso em: 09 maio 2012.

INVENTOSCH, Hermán. "Cervantes and Courtly Love: The Grisóstomo-Marcela Episode of Don Quixote" in: PMLA, Vol. 89, No. 1, Jan. 1974.

MARTÍNEZ BONATI, Félix. El Quijote y la Poética de la Novela. Santiago: Editorial Universitaria, 2004.

MENÉNDEZ, Ramón. Un aspecto, Literario y Artístico del Quijote in: Temas Literarios. Madrid: Gredos, 1957.

OVIDIO. Metamorfosis. Tradução ao espanhol de Ana Pérez Vega. Disponível em: <[www.cervantesvirtual.com](http://www.cervantesvirtual.com)> Acesso em: 10 out. 2011.

OVÍDIO. Metamorfosis. Tradução ao português de Raimundo Nonato Barbos. Disponível em: <<http://www.usp.br>> Acesso em: 12 dez. 2011.

PLOTINO, Enéada V, 8. In: SOARES, Luciana «Exegese do Tratado Sobre o Belo Inteligível (V, 8,) de Plotino», Revista Ciências Humanas, vol. 23 n. 1 e 2 (2000), p. 63-88.

REYES CELEDÓN, Esteban. Ensaio. Do Eros nos ensinamentos de Diotima de Mantínia: O Amor, uma das vias possíveis para o filósofo atingir Inteligível, a imortalidade. Disponível em: < <http://luchoagustin.tripod.com/eros.htm>> Acesso em: 10 jun. 2012.

ROSALES, Luis. Cervantes y la Libertad, Madrid: Grf. Valera, 1959-1960.

SPITZER, Leo. Lingüística e historia literaria, 2ª ed. Madrid: Gredos, 1974, p. 135-187.

ULLMAN, Pierre L. "The Surrogates of Baroque Marcela and Mannerist Leandra". 1971. In: BERNDT, Erna. En torno a la "maravillosa visión" de la pastora Marcela y otra "ficción poética". Actas del IX Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas. Tomo 1. Berlin: Ibero-Amerikanisches Institut Preussischer Kulturbesitz, 1986, pp. 365-71. Disponível em: <[http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/09/aih\\_09\\_1\\_034.pdf](http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/09/aih_09_1_034.pdf)> Acesso em: 12 dez. 2011.

UNAMUNO, Miguel de. Vida de Don Quijote y Sancho. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

## CRONOGRAMA

No.	Descrição	Ago. 2011	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan 2012	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.
1	Estudo geral do Quixote	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R		
2	Seleção e estudo das passagens mais significativas			R	R	R	R	R	R	R	R		
3	Estudo da bibliografia cervantina atual				R	R	R	R	R				
4	Apresentação oral parcial				R								
5	Elaboração do Relatório Parcial				R	R							
6	Elaboração do Resumo e Relatório Final								R	R	R	R	
7	Elaboração da apresentação Final para o Congresso											R	P

R: Realizado

P: Previsto